

**EVOLUÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS E OS REFLEXOS
NA ECONOMIA DO MUNICÍPIO DE BAGÉ-RS****DEVELOPMENT AND DIFFERENTIATION OF AGRARIAN SYSTEMS AND
REFLECTIONS ON THE ECONOMY OF THE COUNTY OF BAGÉ-RS****Alessandra Matte**

Zootecnista, Mestre e Doutoranda em Desenvolvimento Rural (PGDR)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
alessandramatte@yahoo.com.br

Márcio Zamboni Neske

Mestre e Doutor em Desenvolvimento Rural
Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)
Porto Alegre, RS, Brasil
marcio.neske@gmail.com

Tanice Andreatta

Economista e Doutora em Desenvolvimento Rural
Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Santa Maria, RS, Brasil
tani.andreatta@hotmail.com

* **Recebido em:** 14/06/2016

* **Aceito em:** 08/07/2016

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar e analisar a evolução dos sistemas agrários do município de Bagé-RS, localizado na região da Campanha do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma análise dos condicionantes ambientais, culturais e socioeconômicas responsáveis por conduzir a formação e diferenciação dos diferentes sistemas agrários e econômicos que foram constituídos ao tempo e no espaço até o período atual. Por meio da análise da historiografia agrária foram identificados quatro sistemas agrários: Indígena, até 1750; Sesmaria de 1750 a 1870; Estância de 1870-1950; e o atual, Sistema Agrário “diversificado moderno” de 1970 até o presente. A análise de sistemas agrários é uma importante ferramenta que nos permite identificar o papel da agricultura na vida da comunidade, no desenvolvimento e na dinâmica de tendências para o local. Constatou-se que a pecuária foi a principal atividade responsável pela mudança dos sistemas agrários ao longo do tempo, contudo, atualmente, divide espaço com lavouras de soja, arroz e trigo, silvicultura, fruticultura, e uma diversidade de atividades e serviços.

Palavras-chave: Bagé; História Agrária; Pecuária; Sistemas Agrários.

ABSTRACT

This paper aims to identify and analyze the evolution of agrarian systems of the city of Bagé-RS, located in the Campanha of Rio Grande do Sul region. This is to analyze the environmental, cultural and socioeconomic determinants responsible for conducting training and differentiation of different agricultural and economic systems that were being made in time and space to the current period. Through the analysis of agrarian historiography four farming systems were identified: Indigenous, until 1750; Sesmaria 1750-1870; Estâncias 1870 to 1950; and the current, Agrarian System “diverse modern” from 1970 to the present. The analysis of agrarian systems is an important tool that allows us to identify the role of agriculture in the community, in the development and dynamics of trends for the site. It was observed that cattle’s ranching was the main activity responsible for the change of agricultural systems over time, however, currently shares space with crops of soy, rice and wheat, forestry, horticulture, and a diversity of activities and services.

Keywords: Bagé; Agrarian History; Livestock; Agrarian Systems.

1. INTRODUÇÃO

Os métodos da Pesquisa-Desenvolvimento (Recherche-Développement) desenvolvidos pela escola francesa de Agricultura Comparada e Desenvolvimento Agrícola do Instituto Nacional Agrônomo Paris Grignon¹ a partir da década de 1980, se consolidou no Brasil, tendo forte influência também na América Latina, principalmente a partir de sucessivos trabalhos de Diagnósticos de Sistemas Agrários e Diagnósticos de Sistemas Produção. Um dos principais objetivos destes Diagnósticos é o conhecimento aprofundado do perfil das regiões rurais, com o intuito de subsidiar iniciativas voltadas para o desenvolvimento rural.

No Rio Grande do Sul, esta abordagem tem sido utilizada nos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS)² tendo como principal expoente o professor e pesquisador Lovois Andrade de Miguel, pelo Departamento de Estudos Agrários da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (DEAG/UNIJUÍ/RS)³. O uso da abordagem dos Sistemas Agrários tem como principal referencial o estudo de Marcel Mazoyer e Laurence Roudart (2010)⁴, o qual evidencia os processos históricos que forjam a constituição da heterogeneidade e diversidade do mundo rural.

No município de Bagé, assim como na região da Campanha do Rio Grande do Sul, já é bastante documentada pela história agrária que a formação da estrutura econômica, social e produtiva do município foi constituída a partir da pecuária de corte que se desenvolveu nessa região desde o período de colonização. No entanto, está enraizado no imaginário do campo social, que no município de Bagé e região são caracterizados por uma homogeneidade social e produtiva. Embora seja importante reconhecer que a matriz produtiva e a formação social são originários da pecuária de corte igualmente importante é reconhecer a diversidade social entre os atores sociais e também de outras atividades produtivas que têm emergido em anos recentes em decorrência das dinâmicas do capitalismo agrário.

Neste contexto, o ponto de partida deste artigo é a aceitação da existência de diferenciações significativas no espaço agrário do município de Bagé. A partir disso, reforça-se a ideia de que a diversidade existente do referido município é forjada a partir das interações que se estabelecem entre os aspectos produtivos, sociais e comportamentais dos atores sociais. Essas relações, além das particularidades relacionadas aos aspectos ambientais, são ao mesmo tempo, origem e resultado das especificidades regionais.

O presente artigo tem por objetivo identificar e analisar a evolução dos sistemas agrários do município de Bagé-RS, bem como as características particulares, alocadas em cada um destes

sistemas. As razões levadas em consideração no momento da escolha são atribuídas às especificidades ambientais, culturais e socioeconômicas variadas da região sul em relação ao restante do estado.

Neste contexto, foi reunido e sintetizado elementos de um todo, para assim compor os sistemas agrários do município em questão. Para tanto, as ferramentas que compuseram as análises foram as seguintes: livros, artigos, dissertações, teses, dados e mapas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundação de Economia e Estatística (FEE), EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e Prefeitura Municipal de Bagé. O artigo está estruturado da seguinte forma: em um primeiro momento é realizada a caracterização socioeconômica do município; em um segundo momento a apresentação das características geográficas do território do município; posteriormente é apresentada a caracterização e evolução dos sistemas agrários identificados em Bagé; finalizando o artigo, são tecidas algumas considerações finais acerca dos resultados.

2. A ABORDAGEM DOS SISTEMAS AGRÁRIOS: ALGUMAS DEFINIÇÕES

A agricultura e as formas diferenciadas que ela assume no tempo e no espaço são produto da sua história, da ação passada e presente das sociedades que nelas se inserem. As relações que se estabelecem entre a sociedade e o entorno natural se mostram complexas, uma vez que estas são dinâmicas e estão permanentemente em interação. Como o agricultor enquanto um ator rural não está isolado deste contexto, a evolução de cada sistema, assim como a organização de seus respectivos estabelecimentos, obedece a uma dinâmica que depende dos aspectos ecológicos, técnicos, sociais e econômicos.

O fracasso de projetos de desenvolvimento voltados essencialmente para a discussão em torno da planta-animal permitiu emergir outras formas de analisar a agricultura/agricultores. A partir disso, os esforços em torno de identificar métodos de análise, vinculados à abordagem sistêmica, também tem gerado um conjunto de termos e muitas classificações (ANDREATTA, 2009). No contexto desse conjunto de classificações, no âmbito da FSR/E (Farming Systems Research Extension), uma das mais utilizadas tem sido a perspectiva francesa. De acordo com Pinheiro (1995) entre os principais objetivos desta abordagem preocupação com o desenvolvimento rural na escala regional e de longo prazo. Esta perspectiva se disseminou nos países da América Latina, a partir dos Diagnósticos de Sistemas Agrários e se tornou uma referência nos estudos relacionados à dinâmica da agricultura (ANDREATTA, 2009).

A Abordagem dos Sistemas Agrários consiste em um referencial analítico adequado para o estudo das realidades agrárias. Descrever e analisar uma determinada região, enquanto um sistema implica em considerá-la enquanto um conjunto, ou seja, significa olhá-la a partir de elementos mais gerais para obter uma melhor percepção do particular. A identificação de um Sistema Agrário e sua evolução ao longo do tempo permite captar elementos que possibilitam compreender a realidade, a partir de uma leitura da evolução da agricultura.

As características atuais de um sistema agrário, possivelmente, têm origens e podem ser explicadas por eventos ocorridos no passado. De acordo com Mazoyer (2001), a Abordagem dos Sistemas Agrários consiste em:

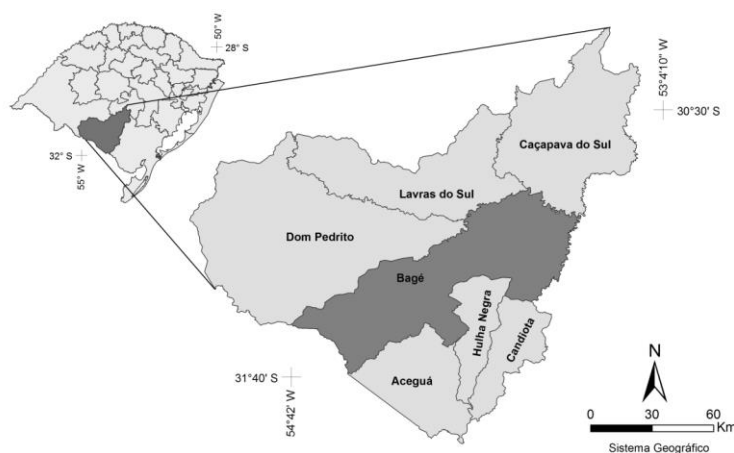
Um instrumento intelectual que nos permite apreender a complexidade de cada forma de agricultura e de nos darmos conta, a traços largos, das transformações históricas e da diferenciação geográfica das agriculturas humanas. Para compreendermos o que é um sistema agrário, devemos, primeiramente, distinguir bem, por um lado, a agricultura tal qual ela é efetivamente praticada, tal como podemos observar, constituindo um objeto real de conhecimentos; e por outro lado, aquilo que um observador pensa sobre este objeto real, o que diz sobre ele, como um conjunto de conhecimentos abstratos, que podem ser metodicamente elaborados para constituírem um verdadeiro objeto concebido, ou objeto teórico de conhecimento e de reflexão (MAZOYER, 2001, p. 39).

De acordo com Mazoyer e Roudart (2010) um Sistema Agrário se constitui a partir do modo de exploração do meio historicamente constituído, de um sistema de forças de produção e um sistema técnico, adaptado às condições bioclimáticas de um espaço determinado, que responde às condições e as necessidades sociais do momento. Também é preciso considerar a combinação apropriada dos meios de produção inertes e meios vivos para explorar e reproduzir um meio cultivado, pois este é resultante das sucessivas transformações sofridas historicamente pelo meio rural. Derivam da análise dos sistemas agrários a análise dos sistemas de produção, sistemas de cultivo e criação e a análise do itinerário técnico. Estes conceitos são instrumentos que permitem a construção de uma tipologia estabelecimentos, ou seja, agrupamento das propriedades de um dado sistema, segundo os tipos de agricultores e os sistemas de produção; o que possibilita a análise pormenorizada dos elementos que compõem um sistema agrário.

3. CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DO MUNICÍPIO DE BAGÉ

O município de Bagé pertence ao sul do Rio Grande do Sul, situa-se dentro da Região Sudoeste do estado, estando inserido na mesorregião Sudoeste Rio-grandense e na Microrregião da Campanha Meridional (Figura 1). Atualmente, o município possui uma área de 4.095,53 km² (FEE, 2010). O clima subtropical do município lhe confere baixos valores no que diz respeito à precipitação e a temperatura média anual, no entanto corresponde a um ambiente em sua predominância úmido (SUERTEGARAY, PIRES DA SILVA, 2009). A precipitação média anual fica entre 1200-1600 mm (OVERBECK et al., 2009).

Figura 1: Mapa do COREDE Campanha, com destaque para o município de Bagé/RS



Fonte: Elaborado pelos autores.

Constata-se, pela distribuição de precipitações em Bagé, que sua estação úmida concentra-se no período de abril a outubro, e sua estação seca, com propensão a ocorrência de estiagens, fica compreendida entre novembro e março (SILVA, 2010). A estiagem é uma situação climática atualmente recorrente no município e na região. Em estudo realizado por Silva (2010), a autora constata que no período de 1961 a 2009 Bagé registrou seca todos os anos, variando apenas o tempo de seca para cada ano, de 3 a 7 meses de estiagem. A temperatura média anual fica em torno de 17°C. Sendo que no mês mais quente a média é 24°C e no mês mais frio 12,5°C. As temperaturas extremas atingem -4°C no inverno, e 42°C no verão. A ocorrência de geadas no município pode ser verificada de abril a outubro, com maior incidência nos meses de junho a agosto.

A vegetação encontrada em Bagé é denominada de Campos Sulinos ou Pampa, pertencente ao bioma Pampa que cobre todo o território do município (OVERBECK et al., 2009). De maneira geral, a vegetação é caracterizada por “formações campestres, manchas de matas densas nas encostas dos chapadões de arenito ou Cerros” (SUERTEGARAY; PIRES DA SILVA, 2009, p. 44). Ainda não se tem certeza do total de espécies, animais e vegetais presentes no bioma Pampa, porém há um consenso quanto a sua vasta diversidade. O uso das áreas com pastagens naturais do bioma, nos últimos 300 anos, está diretamente relacionado à presença da atividade pecuária, em virtude de suas características de flora como alimento animal (SUERTEGARAY; PIRES DA SILVA, 2009), condição está presente em Bagé.

As distintas atividades encontradas no município relacionam-se diretamente às características ambientais existentes. A área mais a sudoeste do município, é caracterizada por planícies e campos, composta em maior parte por grandes propriedades. De acordo com a Prefeitura Municipal de Bagé (2011), realiza-se nessa região a pecuária extensiva, com a criação de bovinos, equinos e ovinos, além do uso extensivo de culturas de cereais, representadas por arroz, soja, milho, sorgo, trigo e a cevada. O rebanho bovino de Bagé encontra-se em torno de 283.474 (IBGE, 2014), demonstrando um crescimento de 39,5% de 2000, quando rebanho era de 203.188 mil cabeças (IBGE, 2000). Soma-se a este ambiente, além das monoculturas, a implantação de pastagens exóticas, modificando a flora nativa desses campos. Nessa região, por conta de suas características geomorfológicas, encontram-se haras de criadores de cavalos, bem como é realizado o cultivo de arroz. No que diz respeito ao rebanho equino, Bagé tem um montante de aproximado de 17.248 animais (IBGE, 2014), um crescimento de 52,7% desde 2000, quando havia 11.289 animais (IBGE, 2000).

Por vez, na região localizada mais ao nordeste do município, identificada com relevo acidentado, apresentando serra baixa, de vegetação mais densa, é caracterizada por “pequenas propriedades, ligadas à agricultura e pecuária familiar, e médias propriedades, ligadas à pecuária extensiva de ovinos e caprinos” (PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ, 2011, p. 69). No entanto, também são encontradas médias propriedades, com pecuária extensiva. Neste local é realizada a atividade de fruticultura (melancia, pêssego, ameixa, maçã, figo e uvas). Nesta região do município, é possível encontrar alguns rebanhos de ovelhas crioulas. Além dessas atividades mencionadas, observamos em menor escala, atividades ligadas ao turismo (PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ, 2011).

Além dessas duas regiões, é relevante considerar, mesmo que não alocá-la como uma zona distinta, a área que circunda a cidade de Bagé, conhecida como “cinturão verde”. O solo deste local é arenoso, com presença de vegetação rasteira, permitindo a produção de leite, frango crioulo e de hortifrutigranjeiros, produtos esses que abastecem o mercado interno do município. De maneira geral, atualmente, o alicerce econômico do município está concentrado na atividade pecuária e na produção de arroz.

4. CARACTERIZAÇÃO E EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS DO MUNICÍPIO DE BAGÉ

4.1 Sistema Agrário Indígena (até 1750)

Os primeiros povoadores da região em que se localiza Bagé, até por volta do século XV e XVI, foram os índios Guenoas, Minuanos e Charruas, também chamados, genericamente, de pampeanos (LEMIESZEK, 2000; REIS, 1911). Esses índios viviam da caça e da pesca, alimentando-se de animais de pequeno porte como veados, emas, capivaras, antas e pequenos roedores (BEHLING, 2009).

A partir de 1626, os jesuítas espanhóis iniciam tentativas de ocupação do território gaúcho, trazendo consigo significativo número de cabeças de gado, direcionadas a sua própria alimentação e daquele povo que ali se encontrava (PESAVENTO, 1985). A missão dos jesuítas era cristianizar, civilizar e incorporar à coroa espanhola os índios que habitavam aquele território. No entanto, as tentativas ocupacionais foram invalidas, sendo os jesuítas diversas vezes expulsos.

Ao longo do século XVII ocorrem enfrentamentos entre os jesuítas e portugueses pela ocupação do território gaúcho. Resultado disso foi à escravidão de muitos índios, que foram levados pelos portugueses a São Paulo, passando a ser utilizados como mão de obra para a agricultura. Os ataques ocorridos a partir de 1640 acarretaram na desorganização desses grupos indígenas, principalmente na fuga dessa população, levando ao abandono de inúmeras cabeças de gado, que se propagou pelos campos e ali se reproduziram de forma considerável. A reprodução desse rebanho é favorecida pelo fato de que esses animais viriam a encontrar “na boa qualidade do solo e na exuberância das pastagens rio-grandenses, condições mais favoráveis à sua sobrevivência e proliferação”, formando uma “imensa reserva de gado”, conhecida como Vacaria Del Mar (PESAVENTO, 1985, p. 9).

Na mesma medida em que o tamanho do rebanho desse gado solto, agora selvagem, aumentava, crescia o interesse por parte da coroa portuguesa em comercializá-lo, despertando olhar sobre o grande potencial econômico do local. A partir disso, tem início à caça desse gado xucro, chamado de “chimarrão”, extraíndo o seu couro e deixando a carne no campo para outros animais consumirem (PESAVENTO, 1985; MAESTRI, 2006). Nesse período, identificaram-se grupos sociais que apreavam o gado, um em especial, conhecido como “sem rei, sem fé e sem lei”, indivíduos que atuavam por conta própria, vendendo couro para quem melhor o pagasse apontado como característica para aquele que seria o gaúcho (PESAVENTO, 1985). O que atribuía valor a esses animais era o couro, utilizado e comercializado pelos índios e portugueses. Tal atribuição levou esse período a ser chamado de “idade do couro” (REVERBEL, 1986, p. 19). Surgem, por conta desse novo comércio, estradas, currais e internadas, formando um quadro geral de “pastagens abundantes e enormes rebanhos sem dono” (REVERBEL, 1986, p. 69). O único registro de algum tipo de agricultura nesse tempo em Bagé, esta relacionado às atividades realizadas pelos jesuítas, os quais tentaram ensinar aos índios que se encontravam na região, mas encontraram dificuldade nessa tarefa (PESAVENTO, 1985).

Nesse momento, dada à ocupação europeia do território gaúcho, houve modificações na configuração local e, sobretudo, na forma de exploração realizada até aquele momento; assim, pode-se inferir que ocorre início a um novo Sistema Agrário. Neste contexto, tem-se o fim de um ciclo de exploração, caracterizado pela caça do gado chimarrão para retirada do couro, dando início a distribuição de sesmarias, em que o índio que antes predominava nesse local agora fará parte de um sistema maior, introduzido e mestiçado nas estâncias. Somado a isso, entra em curso um redirecionamento ao uso do gado, influenciado por uma nova conjuntura nacional e pela concepção e criação de Bagé.

4.2 Sistema Agrário Sesmaria-Estância (1750-1870)

Esse período é marcado pelo povoamento do território, subdivisão dos campos e intensificação da exploração rural (REVERBEL, 1986). Surgem nesse período as estâncias de criação de gado, redirecionando o uso do gado, que anteriormente eram somente apreendidos e agora passam a ser criados de forma extensiva nas estâncias (PESAVENTO, 1985). Ressalta-se que juntamente com o rebanho bovino, desenvolvia-se a ovinocultura, sem registros de participação econômica, no entanto, utilizada para o autoconsumo (ARCO, 2011).

Com o objetivo de ocupar o território gaúcho, tentando impedir a invasão dos espanhóis e, sobretudo, domesticar o gado selvagem, que poderia contribuir para a economia da nação, tem por início, em 1730, a distribuição de sesmarias por parte da coroa portuguesa, orientadas para a criação de gado, sendo chamadas à época de estâncias (PESAVENTO, 1985; REVERBEL, 1986). A primeira sesmaria concedida na região de Bagé foi doada a Serafim da Costa Santos, em novembro de 1789, pela coroa portuguesa. No entanto, a criação do gado já tem registros anteriores a essa ocupação, sendo realizada por pequenas famílias instaladas no município (LEMIEZSEK, 2000). A distribuição de sesmarias se deu principalmente a militares, tropeiros e algumas poucas figuras que já haviam se consolidado na região, e no local em que hoje é Bagé (REIS, 1911).

Segundo relatos de Moraes (1959, p. 79), a ocupação “arrodeia a Serra do Sudeste”, sendo localizada apenas em áreas de campo com menor inclinação, estando diretamente relacionado às características de relevo e solo dessa região, correspondendo ao nordeste do município. Em 1752 ocorre a migração de casais de açorianos trazidos de Portugal, formando as primeiras vilas e povoados nas áreas compreendidas pela Serra do Sudeste, com o propósito de ocupá-la e impedir uma nova invasão espanhola. A chegada desses casais à região vem no intuito de ocupar as áreas mais dobradas, referindo-se ao que compreende o Escudo Sul Rio-grandense (MORAES, 1959; WIEDERSPAHN, 1979).

Esses casais açorianos praticavam a agricultura de subsistência em seu país de origem, e a instalação dessas colônias de imigrantes dado é o ponto de abertura para o início da construção de moinhos movidos por água, que atuariam no auxílio da produção de trigo (LEMIESZEK, 2000). Os casais açorianos são os pioneiros no cultivo de trigo, que mais a frente torna-se o primeiro produto exportável, com expressão econômica (WIEDERSPAHN, 1979; REVERBEL, 1986; ALONSO, 1994). Mais tarde, alguns desses casais viriam a fazer parte das estâncias, mesclando-se com os demais grupos sociais.

Também fez parte desse cenário, a presença do escravo negro, encontrado como mão de obra nas estâncias para a criação de gado (MORAES, 1959; MAETRI, 2006). O escravo era usado como peão de estância, apesar de serem empregados nas charqueadas, não perderam muito menos deixaram de desenvolver a atividade que lhe era de origem, a agricultura. Mais tarde, quando foram libertados e puderam trabalhar para sua própria subsistência e mesmo ainda para o estancieiro, cultivavam principalmente a mandioca e o trigo (PESAVENTO, 1985; MAETRI, 2006).

O surgimento das estâncias de criação de gado possibilitou o aparecimento de um novo caminho comercial, teve início a mercantilização da pecuária por meio do charque, atribuindo-se um novo valor para a carne. O charque consiste na desidratação da carne, por meio da salga, em que esse alimento passou a ser levado para o norte do país, utilizado principalmente na alimentação dos escravos. O charque foi inicialmente produzido nas estâncias locais de Bagé, passando mais tarde a uma produção de grande escala direcionada a outros mercados, não somente o local, mas também o nacional e o latino-americano (FONTOURA; PIZZATO, 2009). Em meados de 1776 as exportações de Bagé se davam em larga escala, principalmente de

produtos como “charque, gorduras, lã, couros, couros curtidos, sabão, velas e outros produtos bovinos” (REIS, 1911, p. 166).

Ao fim da concessão de sesmarias, os estancieiros distribuem alguns lotes da estância às famílias que estavam alocadas na propriedade e aos peões que lhe foram bons funcionários. Concomitante a esse pequeno desmembramento das estâncias ocorreu à ocupação de áreas irregulares por forasteiros e famílias de pequenos pecuaristas que foram expulsos dessas estâncias, além dos negros agora livres. Com o passar do tempo o número e a força desses pequenos pecuaristas mestiçados tomou proporções significativas. Percebendo que estes praticavam uma pecuária com baixo ou nenhum investimento, com uso basicamente da mão de obra familiar e sem estarem diretamente dependentes do mercado, esses criadores recebem a denominação de “pecuaristas familiares” (RIBEIRO, 2009). Apesar de a denominação ser recente, a presença de pecuaristas familiares é datada desde início do século XIX, apresentando diferentes trajetórias e processos de desenvolvimento (FERNANDES, 2012).

A 1ª Lei de Terras em 1850 dá início a um novo ciclo no que concerne a ocupação da terra. A atividade pecuária em diversas escalas agora dividia espaço com o cultivo do trigo e com as atividades de subsistência, mas continuava sendo um motor pujante de indelével valia ao município, permanecendo caracterizada pelo uso de baixa tecnologia. A transição para um novo sistema agrário é marcada pelas melhorias no manejo com os animais e no processamento da carne, dentre eles o cercamento dos campos e a instalação de frigoríficos no município. Esse momento também é caracterizado pela expansão urbana e pela consolidação de distintas atividades no município.

4.3. Sistema Agrário de Estância (1870 – 1960)

A década de 1870 para Bagé é marcada pela melhoria no manejo com o gado, principalmente pelo cercamento dos campos e pela implantação de tecnologias no modo de criação⁵ (VERDUM, 2004; FONTOURA e PIZZATO, 2009). Consequência disso é a diminuição da mão de obra no campo, provocando um intenso processo de êxodo rural. Algumas das renovações nos métodos de criação ocorridas em Bagé dizem respeito à inserção de “pastagens artificiais, vacinas, banheiros, carrapaticidas e reprodutores estrangeiros” concomitante a permanência de sistemas produtivos tradicionais (PESAVENTO, 1985, p. 124). A introdução de reprodutores de raças puras permitiu a produção de uma carne de melhor qualidade e, sobretudo, com melhores rendimentos sobre os campos.

No ano de 1876, Bagé é marcada pela abertura econômica do município para a região, com a chegada da malha ferroviária (REIS, 1911). Logo na sequência, em 1884, ocorreu a importação do primeiro equino puro-sangue inglês, dando início ao que viria a ser um polo de criadores de cavalos, sendo, também, o berço de criação da Associação de Criadores de Cavalos Crioulos (LEMIESZEK, 2000).

Por outro lado a agricultura, em 1860, como diz Reis (1911, p. 170), “ainda é pouco cuidada, entre nós”, sendo essa “sem contestação, uma poderosa artéria da riqueza pública”. No entanto, esse quadro modifica-se a partir de 1910, em que o cultivo do arroz e do trigo passa a “desenvolver-se em larga escala” (REIS, 1911, p. 170), proveniente de distintas zonas de plantio, incluindo a região pertencente a serra do sudeste, em que foram lotados os casais açorianos em mescla com outros remanescentes indígenas e negros.

O apogeu verificado na produção e comercialização de charque no município perdurou até meados do século XX. A partir desse momento fatos como altas tarifas sobre o sal, entrada e concorrência com o produto platino (vindo do Uruguai), desestabiliza sua comercialização. A desestruturação das charqueadas teve ponto crucial para a libertação dos cativos, resultando em queda dos preços e do consumo (PESAVENTO, 1985). Na década de 1940 tem fim o ciclo

charqueadista em Bagé, dando início a processos mais modernos de processamento da carne (PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ, 2011). Concomitante a essa queda, observa-se uma expansão no cultivo do trigo. Diante desse quadro, tem início o ciclo dos frigoríficos, decorrente da decadência do charque. Neste contexto, Bagé experimenta um momento único na economia do município ao final do século XIX, reflexo das melhorias verificadas durante esse período.

A construção do matadouro foi definitivamente um marco de progresso para o município, pois permitiu melhorar a qualidade da carne, sanando problemas de higiene que vinham dificultando a comercialização. Data desse período um processo de urbanização na Campanha gaúcha, visto que em 1890 essa região agrupava 52,07% da população total do Estado, contrastando com apenas 25,19% dessa participação em 1991 (BANDEIRA, 1994). Tal processo ocorre em função da redução na demanda de mão de obra na atividade pecuária e em virtude do crescimento do setor de serviços, que emprega esses moradores.

A presença da ovinocultura marcou a economia de Bagé, concentrando em 1960 seu ápice, chegando a valer mais que o gado. A lã esteve presente nas exportações do município desde 1915, até meados de 1970 (ARCO, 2011). Nesse período, Bagé é marcada pela inovação produtiva, pelo melhoramento dos rebanhos, pelo início da participação do arroz na economia do município, além da industrialização, modificando não somente a cidade, mas surtindo reflexos na configuração do meio rural concomitante a modos tradicionais de produção, que optam por produzir sem a inserção de tecnologia. As consequências mais marcantes, desse sistema agrário ficam ancoradas no aumento da desigualdade social. A sustentação dessa afirmativa fundamenta-se na modernização da pecuária, a qual é aderida pelos mais capitalizados, na saída do rural por aqueles que não conseguiram acompanhar esse progresso, na especialização intensa do comércio de gado, dentre outros fatores. Os pecuaristas familiares não reduzem sua força, no entanto são mascarados pela imagem do grande produtor de gado e pelas novas indústrias que adentram o município e a região da Campanha.

4.4. Sistema Agrário “diversificado moderno” (1970 até o presente)

Esse sistema agrário compreende até os dias de hoje, marcado principalmente pelo grau de diversificação econômica e produtiva. De acordo com a Prefeitura Municipal de Bagé, houve uma introdução de novas culturas, tais como arroz, soja, sorgo, milho, cevada, melancia, pêssego, ameixa, figo, maçã, uva e mel, entre outros. A essa razão, também temos a emancipação de distritos urbanos, que deram origem aos municípios de Hulha Negra (1992), Candiota (1992) e Aceguá (2000). A primeira ruptura com a configuração anterior relaciona-se com a crise do comércio de lã, em razão do surgimento da fibra sintética em 1970, o que continuou a desenvolver-se foi a equideocultura.

Por vez, no que se refere à agricultura, essa se torna cada vez mecanizada a partir de 1970, além do aumento da superfície cultivada em detrimento da pastoril (VERDUM, 2004). Nesse momento registra-se, de forma mais acentuada, a locomoção de “novos exploradores” vindos do norte do Estado, implantando cultivos mecanizados, como o arroz e a soja (VERDUM, 2004, p. 53). Estes, por meio da compra ou arrendamento da terra, dão início a outro tipo de pressão sobre solos frágeis e sobre a vegetação herbácea do município.

As atividades que tem despontado no espaço social e econômico de Bagé, dando uma nova “roupagem” ao Bioma Pampa, consistem, principalmente, na ampliação da ocupação de monoculturas, inseridas por meio da atividade agrícola e da inserção da silvicultura. A reconversão produtiva destas áreas tem sido objeto de diversos estudos e debates acerca do problema, não apenas pela mudança ambiental, mas pelo reflexo no modo de vida da população inserida nesse espaço (BORBA; TRINDADE, 2009; RIBEIRO, 2009; MATTE, 2013).

De uma forma dinâmica, o que pode ser constatado no município de Bagé é a presença de

uma produção pecuária caracterizada por pequenas propriedades, além uma pecuária de caráter empresarial associada ao cultivo de lavouras. A pecuária familiar permanece se reproduzindo mesmo frente às mudanças sociais e econômicas que ocorrem no município de Bagé, abastecendo a cidade e o mercado do gado, contribuindo com a dinâmica econômica do município com sua criação de animais. Atualmente, do total da população do município, 83,7% reside no meio urbano e 16,3% no meio rural (IBGE, 2010). O município de Bagé conta com 1.198 proprietários rurais em uma área de 299.771 ha, verifica-se que as propriedades com até 100 ha somam 33% estabelecimentos agropecuários, ocupando apenas 6% do território dos estabelecimentos.

Desde os primórdios de seu surgimento, Bagé tem sua economia diretamente ligada à atividade pecuária, favorecida pelo bioma Pampa, caracterizado por campos de pastagens naturais, com características que permitem um pleno desenvolvimento de bovinos, de ovinos, de equinos, de caprinos, principalmente. Em linhas gerais, destacam-se fatos que impulsionaram o desenvolvimento do município, dentre alguns deles o incentivo à atividade pecuária, as charqueadas, mais tarde a instalação de frigoríficos e a produção de lã. Recentemente, outras atividades estimulam a economia municipal, dentre elas a produção de arroz, de soja, de equinos e a fruticultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações históricas ocorridas em uma determinada região se convertem em informações importantes para a compreensão do contexto atual, tornando-se um instrumento que fornece base para a concepção de ações locais bem como para a promoção do desenvolvimento. A constituição e análise dos sistemas agrários tende a fornecer informações que permitam uma compreensão mais coesa acerca da situação contemporânea do local, bem como permite perceber características que são tidas como abstratas e desconhecidas, muitas vezes por encontrarem-se incompletas.

Dentro desta lógica, pode-se concluir que o Rio Grande do Sul apresenta uma ocupação variada em decorrência das especificidades ambientais, culturais e socioeconômicas, contribuindo para uma distinção entre regiões. No que confere ao município de Bagé, além das especificidades edafoclimáticas, sobretudo a distribuição de sesmarias e a formação das estâncias direcionou e permitiu o desenvolvimento da pecuária de corte, que por muito tempo foi a base inclusive da economia do Rio Grande do Sul, e que ainda possui posição de destaque no município. No entanto, essa atividade que permitiu o desenvolvimento de município, também foi excludente e promoveu desigualdades sociais, principalmente pelo sistema de sesmarias, que priorizava a distribuição de grandes extensões de áreas de terras a poucas pessoas.

Apesar do dinamismo observado no sistema agrário moderno, configurado pela implantação de novas atividades produtivas, pela diversificação de formas de produção e inserção nos mercados, ainda constata-se certo grau de dificuldade de acesso a terra, denotando uma tendência de aumento da concentração fundiária. A implantação crescente de novos cultivos no município, como a soja e a silvicultura, por exemplo, aumentam a pressão e disputa por mais áreas de terra, situação que levou a valorização expressiva deste ativo nos últimos anos, essas atividades também demandam um grau de capitalização significativo por parte dos produtores. Neste contexto, apesar da alteração da matriz produtiva, o acesso a essas novas matrizes, em larga medida, continua limitado a um conjunto pequeno de produtores.

Por outro lado, é preciso reconhecer que apesar da limitação de terras, de recursos financeiros e de recursos humanos, existe um conjunto de produtores, caracterizado pelas formas familiares de produção que continuam no meio rural, desenvolvendo suas atividades, principalmente a pecuária, com sistemas de produção fortemente baseados em formas tradicionais e que contribuem para o desenvolvimento econômico, social e ambiental no município.

De um modo geral, é preciso reconhecer que as mudanças que se operam ao longo do tempo, sejam elas do ponto de vista produtivo, socioeconômico, ambiental e cultural refletem e modificam outros setores, e também são o resultado da satisfação das necessidades de seus agentes. Conhecer e compreender os distintos sistemas agrários é um meio de procurar identificar qual o papel da agricultura na vida das pessoas e de uma sociedade, no desenvolvimento e nos fatores de risco que uma região ou município possa passar.

NOTAS

1. Entre os principais pesquisadores estão Marcel Mazoyer, Marc Dufumier e Laurence Roudart.
2. Consultar Miguel (1997; 2009), bem como os trabalhos orientados pelo referido pesquisador.
3. Dudermel, Basso e Silva Neto (1995), Silva Neto e Basso (2005) e Silva Neto (1997).
4. Publicado originalmente na versão francesa em 1987.
5. Segundo Lemieszek (1997), o período de maior pujança de Bagé concentra-se entre 1895 até 1910.

REFERÊNCIAS

ALONSO, J.A.F. Análise do crescimento da região Sul nas últimas décadas – 1959-90. In: ALONSO, J.A.F.; BENETTI, M.D.; BANDEIRA, P.S. **Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser - FEE, 1994. p. 49-94.

ANDREATTA, T. **Bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas**. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE EMPRESAS FLORESTAIS. Construção de arranjos produtivos de base florestal no RS. In: **Câmara Setorial de Silvicultura**, 2009, Brasília. Disponível em: <<http://www.ageflor.com.br/upload/biblioteca/Ageflor-Arranjos-Produtivos.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

BANDEIRA, P.S. As raízes históricas do declínio da Região Sul. In: ALONSO, J.A.F.; BENETTI, M.D.; BANDEIRA, P.S. **Crescimento Econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser - FEE, 1994. p. 07-48.

BEHLING, H. et al. Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o Quaternário Tardio. In: PILLAR, V.P.; MÜLLER, S.C.; CASTILHOS, Z.M.S.; JACQUES, A.V.A. (Org.). **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p. 13-25.

BORBA, M.F.S.; TRINDADE, J.P.P. Desafios para conservação e a valorização da pecuária sustentável. In: _____. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p. 391-403.

COTRIM, M.S. **"Pecuária familiar" na região da Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem a situação socioagroeconômica do pecuarista familiar no município de Canguçu RS**. 2003. 140f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

DUDERMEL, T.; BASSO, D.; SILVA NETO, B. **Política Agrícola e Diferenciação da Agricultura na Região Noroeste do RS**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1995.

- FERNANDES, V.D. **O pecuarista familiar na campanha rio-grandense (Santana do Livramento / RS)**. 2012. 177f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FONTOURA, L.F.M.; PIZZATO, F. Recordações do Pampa – Estudo das transformações da atividade pecuária no Rio Grande do Sul. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 12., 2009, Montevideo/Uruguay. **Anais...**, 2009.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Resumo Estatístico RS**: Bagé. 2010. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios>. Acesso em: 6 de ago. 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades, 2000**. Brasília, 2000a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo da População, 2010**. Brasília, 2000b. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/200>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades, 2014**. Bagé, 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=430160&idtema=147&search=rio-grande-do-sul|bage|pecuaria-2014>>. Acesso em: fev. 2016.
- LEMIESZEK, C.L. **Bagé**: Relatos de sua História. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- LEMIESZEK, C.L. **Bagé**: Novos Relatos de sua História. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.
- MAESTRI, M. **O Escravo do Rio Grande do Sul**: trabalho, resistência e sociedade. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- MATTE, A. **Vulnerabilidade, capacitações e meios de vida dos pecuaristas de corte da Campanha Meridional e Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul**. 2013. 174f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- MAZOYER, M. **Defendiendo al campesinado en un contexto de globalización**. FAO, Roma, 2001. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/521.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2013. (Texto para discussão).
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Tradução: Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. Brasília e São Paulo, NEAD/MDA e Editora da UNESP, 2010. 562 p.
- MIGUEL, L. A. **Formation, évolution et transformation d'un système agraire au sud du Brésil (littoral nord de l'État du Paraná) - une paysannerie face à une politique de protection de l'environnement: chronique d'une mort annoncée**. 1997. Tese (Doutorado em Agricultura Comparada e Desenvolvimento Agrícola). Institut National Agronomique Paris Grignon, INA-PG, França, 1997.
- MIGUEL, L. A. **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários**. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- MORAES, C.D. **Figuras e ciclos da história rio-grandense**. Rio de Janeiro: Globo, 1959.

- NESKE, M.Z. **Estilos de agricultura e dinâmicas locais de desenvolvimento rural: o caso da Pecuária Familiar no Território Alto Camaquã do Rio Grande do Sul.** 2009. 207f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- OVERBECK, G.E. et al. Os Campos Sulinos: um bioma negligenciado. In: PILLAR, V.P.; MÜLLER, S.C.; CASTILHOS, Z.M.S.; JACQUES, A.V.A. (Org.). **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p. 26-41.
- PESAVENTO, S.J. **História do Rio Grande do Sul.** 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 142 p. (Série Revisão, 1).
- PINHEIRO, S.L.G. O Enfoque Sistêmico na Pesquisa e Extensão Rural (FSR/E): Novos Rumos para a agricultura familiar ou apenas a reformulação de novos paradigmas de desenvolvimento? In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS, 1995, Londrina, **Anais...**, Londrina: 1995.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ. **Plano de Desenvolvimento Econômico 2011-2031.** Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo. Bagé: Ediurcamp, 2011.
- REIS, J. **Apontamentos históricos e estatísticos de Bagé.** Bagé: Typ. do Jornal do Povo, 1911.
- REVERBEL, C. **O gaúcho.** Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- RIBEIRO, C.M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da campanha do Rio Grande do Sul.** 2009. 304 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SILVA, M. R. M. **Identificação da ocorrência em Bagé (RS) entre 1961 – 2009.** 2010. Curso de Geografia: Bacharelado (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. 2010.
- SILVA NETO, B. **Estudo dos Sistemas de Produção Agropecuários da região de Três de Maio/RS.** Ijuí: RS, Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1997.
- SILVA NETO, B.; BASSO, D. **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul: análise e recomendações de políticas.** Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- SUERTEGARAY, D.M.A.; PIRES DA SILVA, L.A. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: PILLAR, V.P.; MÜLLER, S.C.; CASTILHOS, Z.M.S.; JACQUES, A.V.A. (Org.). **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p. 42-59.
- VERDUM, R. Depressão periférica e planalto. Potencial ecológico e utilização social da natureza. In: VERDUM, R.; BASSO, L.A.; SUERTEGARAY, D.M.A. (Org.). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 39-60.
- WIEDERSPAHN, H.O. **A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul.** Coleção Caravela, n. 2, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Instituto Cultural Português, 1979. 14.